

O ENSINO DA LEITURA EM CONTEXTO PANDÊMICO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Maria de Fátima Camilo¹
Damiana Simone Camilo Gomes de Brito Oliveira²
Generosa Camilo Gomes³
Geralda Camilo Gomes⁴

RESUMO

A pandemia da COVID-19, doença causada pelo Coronavírus (*Sars-CoV-2*), assolou o mundo em 2020 e foi responsável por grandes transformações em todos os setores da sociedade. Na educação não foi diferente e, ao ser instituída a medida preventiva de isolamento social pela Organização Mundial da Saúde (OMS), as aulas presenciais foram suspensas dando lugar ao ensino remoto emergencial, modalidade adotada para que o aprendizado chegasse aos alunos para além dos muros da escola. Neste contexto, muitos desafios foram enfrentados por professores e alunos que tiveram que se adaptar abruptamente ao novo formato de ensino. Para tanto, nós educadores buscamos aprender a lidar com ferramentas digitais que possibilitassem a acessibilidade do ensino aos alunos, já que não havia previsão para o retorno presencial. Desse modo, o objetivo deste trabalho é refletir acerca dos desafios da prática do ensino da leitura em um cenário pandêmico, trazendo para este diálogo algumas possibilidades de uso de ferramentas digitais utilizadas para esse fim. Nosso trabalho segue o modelo da pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa. Para o desenvolvimento dos objetivos, buscamos apoio teórico em Bakhtin (2011), Silva (2011), Zacharias (2016) e outros estudiosos. Percorrer todo esse caminho foi muito significativo para nós professores, pois conseguimos vislumbrar com clareza a nossa capacidade de reinventar nossa prática docente para continuarmos firmes no nosso propósito de educadores, mesmo em contextos desafiadores. Assim, os resultados indicam que a aprendizagem não se limita ao espaço físico da escola, mas pode ultrapassar seus muros. Porém, a necessidade de fazer uso das tecnologias para o ensino remoto, expôs ainda mais o abismo entre as classes sociais.

Palavras-chave: Leitura, Ensino remoto, Plataformas digitais, Pandemia.

¹ Mestre do Curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, E-mail: mdfatimacamilo@gmail.com;

² Especialista em Educação Especial Inclusiva com Ênfase no Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade do Juazeiro do Norte - FJN, E-mail: damianasimonecgomes@gmail.com;

³ Especialista em Língua Portuguesa da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO –E-mail: gegomes341@gmail.com;

⁴ Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Africana de L. Portuguesa da Universidade Regional do Cariri – URCA, E-mail: gcamilogomes@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A suspensão das aulas presenciais em decorrência da pandemia da Covid-19, fez emergir no cenário da educação muitos desafios e incertezas. Porém, a experiência forçada para buscar soluções para os desafios apresentados no cenário pandêmico, nos deu a certeza de que a educação nunca mais seria a mesma. Assim, a partir do fechamento das escolas, muitas mudanças que já deveriam ter acontecido há muito tempo passaram a ser pensadas em caráter de urgência. E, algumas dessas mudanças foram postas em prática, como por exemplo, o uso da tecnologia como recurso pedagógico. Até então esse instrumento era pouco utilizado em nossas aulas, mas no contexto pandêmico seu uso foi de grande valia para impedir que a educação parasse durante o isolamento social, em virtude da inserção do ensino remoto emergencial.

Nesse contexto, os diversos setores educacionais precisaram procurar alternativas para que não fosse cerceado o direito à educação, cuja garantia está prevista na Constituição Federal de 1988. Assim, diante de Decretos e Resoluções que fixaram orientações e nortearam esse novo fazer educacional, seguimos com a tarefa desafiadora de fazer com que a educação escolar chegasse a cada aluno. Vale ressaltar que a mudança do ensino presencial para o ensino remoto emergencial aconteceu sem o devido preparo dos professores e alunos. Além disso, faltava também uma estrutura adequada para que o processo de ensino e aprendizagem acontecesse de forma satisfatória mantendo sua qualidade.

Diante disso, a nova modalidade de ensino exigiu da comunidade educacional uma adaptação drástica dotada de ressignificação, já que a ausência da convivência presencial de alunos e professores implicava em uma maior autonomia dos educandos. Por conseguinte, os familiares dos alunos que teriam a missão de auxiliá-los em suas tarefas escolares, agora totalmente realizadas em casa, também deveriam estar munidos dessa autonomia. Aos professores coube uma maior sobrecarga de trabalho, já que estavam diante de uma complexa realidade em que era imperativo compreender e superar os desafios, bem como garantir o efetivo acesso à educação durante a pandemia.

Nessa perspectiva de enfrentamento às múltiplas consequências impostas pela pandemia, pretendemos neste trabalho refletir acerca dos desafios da prática do ensino da leitura em um cenário pandêmico, trazendo para este diálogo algumas possibilidades

de uso de ferramentas digitais utilizadas para esse fim. Nesse sentido, é válido ressaltar que “a escola não pode dar-se ao luxo de ignorar o papel cada vez mais significativo que a mídia digital passou a desempenhar na vida da maioria dos jovens.” (BUCKINGHAM, 2010, p. 53). Logo, inseri-las no cotidiano escolar dos alunos pode ser interessante para eles, uma vez que tenta aproximá-los de algo que lhes parece familiar.

Assim, diante de um contexto tão complexo, esta pesquisa apresenta relevância social, à medida em que consegue apresentar um recorte das experiências vividas por nós professores, em meio a um cenário de muitas transformações. Nesse contexto, de modo imperativo, tivemos que nos adaptar sem contestações ao novo modelo de ensino que nos era apresentado de última hora. Essas experiências da fase pandêmica são registros importantes que revelam como a humanidade, em diferentes contextos, consegue superar as adversidades impostas pela vida, encontrando soluções para os desafios apresentados. O período da pandemia nos fez enxergar também e, com mais clareza, como as classes sociais estão divididas, deixando mais evidente o hiato que as separa.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Quanto aos procedimentos metodológicos nossa pesquisa é bibliográfica, pois segundo Gil (2008), isso permite ao pesquisador uma provisão de fenômenos bem mais ampla do que se poderia pesquisar diretamente. Nossa abordagem é qualitativa, uma vez que, “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2007, p. 22). Tendo em vista que o objetivo da nossa pesquisa é refletir sobre os desafios enfrentados durante o contexto pandêmico, consideramos que essa abordagem é a mais adequada, pois leva em consideração os diversos eventos de interação entre os sujeitos e a realidade que os cerca. Esse “conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2007, p. 21).

Atuaram como sujeitos da pesquisa alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II de uma Escola Pública localizada na cidade Brejo Santo/CE. A interação aconteceu em tela de forma *on-line*, através de aulas síncronas que aconteceram no ambiente

virtual *Google Meet*, culminando com atividades realizadas através das plataformas digitais *Padlet e Jamboard*. Ao longo do percurso outras ferramentas digitais também foram acionadas, tais como *google forms* e o aplicativo *Whatsaap*, esse último era utilizado para tirar dúvidas dos alunos e também para *feedbacks*. .

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Ferramentas digitais na educação

A sociedade vem passando por grandes transformações intensificadas pelo advento da tecnologia. Porém, na contramão desses avanços a escola apresenta certa resistência no sentido de aderir ao uso dos recursos tecnológicos em sala de aula. Isso parece paradoxal já que é na escola que o aluno deve “mobilizar práticas de linguagem no universo digital, para [...] aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p.489). Ademais, é inegável que a tecnologia impacta diretamente a humanidade, influenciando o comportamento das pessoas, na busca e compartilhamento de informações, na comunicação, no entretenimento, busca do conhecimento, interesses profissionais e assim por diante. Para Champaoski e Mendes (2017), a chegada da tecnologia no ambiente escolar soa como um convite envolvente e ao mesmo tempo desafiador, não só para os professores, mas também para os alunos, que já nasceram depois do surgimento dos dispositivos móveis e digitais, em plena era da *internet* de alta resolução.

De fato, a inserção das ferramentas digitais como auxiliares da aprendizagem tendem a engajar os estudantes, justamente pela facilidade com que eles manuseiam as tecnologias, tendo em vista que nasceram na era digital. Ademais, os dispositivos móveis, na maioria dos casos, permeiam suas vidas em todas as situações imagináveis e atuam nelas como um acessório indispensável e até viciante do qual, muitas vezes, eles não conseguem se desvencilhar. Apesar disso, quase sempre, o uso desses aparelhos pelos estudantes, se restringe ao entretenimento ou para comunicação, mas dificilmente para a busca de conhecimento.

Nessa perspectiva da busca do conhecimento através da tecnologia, segundo Ribeiro (2007), não podemos esquecer de que, no processo pedagógico mediado pela tecnologia, o foco da ação deve estar sempre nos sujeitos e, não na técnica. Por isso, é necessário, portanto, enxergar primeiro as competências do indivíduo, entendendo que a

máquina não passa de um mero instrumento. Para tanto, “é preciso olhar para além da técnica, verificando-se o sujeito com seus anseios, sua existência, suas potencialidades e seus problemas [...]”; pois “a tecnologia enquanto saber é importante e que está a serviço do homem para o atendimento de suas necessidades” (RIBEIRO, 2007, p. 94).

Assim, para Souza (2007), necessário se faz identificar as dinâmicas de funcionamento desses espaços enquanto ambientes de aprendizagem, e a partir daí encontrar um conjunto de técnicas e condições que consigam maximizar o aproveitamento dos mesmos em prol da aprendizagem dos alunos. Todavia, vale enfatizar que “incorporar inovações nas instituições de ensino não é tarefa fácil, sejam elas tecnológicas ou não, uma vez que a estrutura e a organização que prevalecem nas escolas preservam modelos do século passado” (ZACHARIAS, 2007, p. 26). Ademais, nem sempre o uso das tecnologias em sala de aula significa inovação, mas usá-las para o ensino da leitura em formato *on-line* é uma experiência desafiadora.

3.2 Leitura e tecnologia: uma tendência contemporânea?

A leitura faz parte de nossa vida de forma abrangente, pois estamos rodeados de textos por toda a parte, nos mais diversos formatos e situações do cotidiano. Porém, ensinar a leitura torna-se desafiador, ainda mais quando se trata de ensiná-la no formato do ensino *on-line*. É notório que os nossos alunos ainda não adquiriram o hábito de ler abstraído dessa leitura o prazer e, na maioria das vezes, eles não têm muito incentivo para isso. Os eventos de leitura de livros que acontecem na escola, quase sempre são promovidos para atribuição de uma nota através do preenchimento de uma ficha de leitura de um livro indicado pelo professor. Esse método arbitrário resulta que muitos alunos não leem ou não gostam de ler, justamente porque o livro que lhes é indicado, muitas vezes, não é interessante para eles. Essa prática faz com que a leitura, nas palavras de Adolfo (2005), seja

[...] marcada pela cobrança, muitas vezes desnecessária, sufocando o leitor, com questionários bestializados, resumos que não contêm nada, minimizando grandes obras ou maximizando autores medíocres, anulando dessa forma a realidade dos textos criativos e a sua potencialidade humanizadora (ADOLFO, 2005, p. 32).

Neste cenário, cabe ao professor desenvolver uma práxis voltada para a individualidade do aluno, enxergando-o como um ser singular dotado de uma bagagem cultural que o torna ativo em relação ao ato de ler. Assim, a escola tem como grande

desafio mostrar a importância da leitura, pois é função dela “cultivar o poder do leitor, em especial o leitor que discorda e que reclama”(DEMO, 2007, p. 72). É daí que nasce a criticidade, a postura da argumentação e contra-argumentação, já que a leitura não é um objeto pronto e fechado e si mesmo, mas o que subjaz ao texto é muito mais amplo e instigante, sendo o texto apenas a ponta do *iceberg*.

Nesse aspecto, oferecer a oportunidade de formar leitores através da *internet* “é uma maneira viável de inserir a leitura no cotidiano dos alunos, já que grande parte deles está sempre munida de celulares e aparelhos móveis, que possibilitam essa tarefa independentemente do espaço físico em que se encontrem. Entretanto, uma entrave possível seria a pouca habilidade que alguns professores ainda apresentam para manusear as tecnologias digitais, já que esta será necessária para a devida intervenção desse processo de mediação da leitura. Segundo Ribeiro (2016), alguns estudos sobre o usos das TICs enquanto instrumentos educacionais nos mais diferentes segmentos educacionais e níveis de ensino, dão conta de que muitos professores apresentam dúvidas e dificuldades quando o assunto é o uso das tecnologias em sala de aula. Alguns usam as tecnologias quando se apropriam de filmes, jogos, músicas e outros recursos similares para fins didáticos, porém, ainda segundo a autora, esses recursos são usados apenas como manobras para enfeitar as aulas.

Nesse aspecto, se muitos professores sentem dificuldade para usar as tecnologias digitais em sala de aula, ensinar a leitura através de ferramentas digitais também é um grande desafio, pois exige habilidades e usos de estratégias diferentes das usadas em ambiente físico. Porém, mesmo com essas dificuldades “é necessário incluir no contexto escolar uma pedagogia que valorize e reconheça o universo multimidiático e multissemiótico marcado pelos ambientes digitais (ZACHARIAS, 2016, p. 20).

Todavia, mesmo sendo necessária, a inserção da leitura digital nas aulas de Língua Portuguesa, demorou a acontecer de forma mais ampla, devido a resistência de muitos professores. Porém, o contexto pandêmico exigiu que tal método fosse executado sem contestações. Nesse sentido, o evento inesperado fez com que os professores buscassem uma saída para solucionar esse problema. Não havia outra alternativa senão que esses educadores buscassem desenvolver suas competências e habilidades no sentido de conseguirem resultados satisfatórios para o seu desempenho em sala de aula, principalmente no que se refere ao ensino da leitura diante de um cenário caótico assolado pela pandemia.

3.3. Desafios enfrentados pela educação em tempos (in)tensos

A pandemia da COVID-19 nos apresentou de forma inesperada um cenário caótico e cheio de desafios a serem enfrentados e, se possível, solucionados. Essa doença foi responsável por uma transformação extraordinária em todos os setores da sociedade, sobretudo na educação, já que uma das medidas preventivas foi o isolamento social. Porém, mesmo com o fechamento das escolas o ensino não podia parar, e sob qualquer custo tínhamos que levar o aprendizado aos alunos para além dos muros da escola. Nesse cenário de incertezas, nós educadores e alunos, enfrentamos muitos desafios e tivemos que nos adaptar abruptamente ao ensino remoto. Nesta modalidade de ensino, a tecnologia foi a principal ferramenta utilizada como um recurso pedagógico capaz de nos aproximar dos nossos alunos e seus familiares, uma vez que agora os educandos passariam a estudar em casa.

Diante desse panorama, enfrentamos momentos de grande angústia e tensão, pois estávamos cientes das dificuldades que iríamos ter para atingir de forma efetiva os nossos alunos. Assim, muitas foram as inquietações, diante da triste constatação de que tínhamos uma clientela muito carente, e que muitos dos alunos nem sequer tinham acesso à *internet*, ou até mesmo, não possuíam celular ou computador. Assim, a pandemia fez emergir um cenário ainda mais adverso no que concerne às desigualdades sociais que de certa forma pactuam com as demais formas de exclusão social, tornando o período ainda mais desafiador.

Vendo por esse ângulo, Ribeiro (2020) nos fala que diante desse cenário, as tecnologias passaram a ser vistas sob um novo olhar, como “salvação” para dar prosseguimento ao ano letivo que se iniciara, mesmo que de forma improvisada ou até mesmo inadequada e, obviamente, às custas de grandes sacrifícios de professores e gestores, pressionados por todos os lados. Porém, para além de ser considerada a “salvação” por alguns, nas palavras de Ribeiro (2020),

Por outros, as mesmas tecnologias passaram a ser vistas como ‘vilãs’, em específico, porque ampliariam as desigualdades entre estudantes conectados e desconectados, escolas menos e mais equipadas, professores/as menos e mais preparados/as, evidenciando assim o fosso entre camadas sociais e escolas menos e mais equipadas e qualificadas (RIBEIRO, 2020, p. 03).

Diante disso, é possível vislumbrar quão desafiador foi esse período, não só para os alunos, diante da dificuldade que muitos tinham para acessar às aulas, como para os

professores que tiveram a incumbência de aprender às pressas e, sob pressão, a usar recursos até então desconhecidos para a maior parte deles. Para além desses desafios, e também para dar conta da demanda de trabalhos *on-line*, os professores tiveram que providenciar com seus próprios recursos, aparelhos e *internet* de melhor qualidade, sem receber nada em troca. Toda essa pressão deixou como saldo exaustão e problemas emocionais, típicos de um período (in)tenso.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

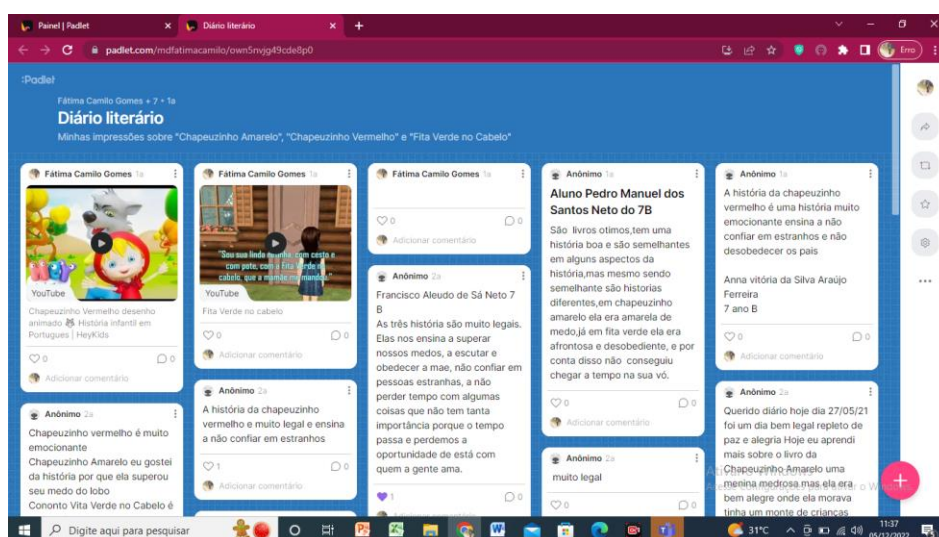
A experiência com a leitura se faz presente em todas as sociedades letradas e em todos os níveis educacionais. No entanto, o número de analfabetos funcionais só aumenta em nosso país, evidenciando que a escola deve ter uma preocupação maior em formar leitores profícuos capazes de “compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem” (SILVA, 2011, p. 51). Para tanto, propiciar eventos na escola para fomentar nos alunos o gosto pela leitura precisa ser uma ação corriqueira, principalmente fazendo com que esses momentos sejam de descontração, em detrimento da leitura mecanicista, pois “o único temor que leitura pode inspirar é o de que seus usuários sejam levados a alterar sua visão de mundo, sonhem com as possibilidades de transformar a sociedade e não se conformam ao já existente” (ZILBERMAN, 2001, p. 55).

Nessa perspectiva de formar leitores profícuos, o presente trabalho teve como base a aplicação de um projeto de leitura desenvolvido na escola em que atuamos, que cujo objetivo é fomentar a leitura na sala de aula e também a produção escrita, já que a cada livro lido, os alunos precisam fazer registros das leituras em um diário literário. Esse projeto já existia na escola, mas com o início da pandemia e com os alunos afastados da escola, as estratégias de letramento precisaram ser adaptadas ao novo formato de ensino. Assim, os livros passaram a ser enviados para os alunos através do *WhatsApp*, com um arquivo em PDF, ou eram lançados em uma biblioteca clicável para que os estudantes pudessem ler a obra em casa. Conseguimos atingir resultados satisfatórios à medida em que mantivemos o contato diário com os alunos através do *WhatsApp* buscando incentivar a leitura através de dicas diversas. Este papel de facilitador deve oportunizar ao professor transformar a escola em um espaço democrático e colaborativo, ou seja, um ambiente de discussão e reflexão acerca do

contexto social em que estão inseridos esses educandos, permitindo torná-los sujeitos críticos e conscientes do seu agir no mundo.

Desse modo, os livros lidos pelos alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental II, no segundo semestre de 2021 foram “Chapeuzinho Vermelho”, “Chapeuzinho Amarelo” e “Fita Verde no Cabelo”. E, durante uma aula síncrona através do *Google Meet*, foi pedido aos alunos que colocassem suas impressões a respeito das três obras lidas e pudemos observar que, “[...] a reprodução do texto pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 311). Nesse sentido, para que os alunos pudessem opinar sobre os livros, usamos a ferramenta digital *padlet*, conforme mostra a figura 1, logo abaixo:

Figura 1 – Diário literário



Fonte: <https://padlet.com/mdfatimacamilo/own5nvjg49cde8p0> >arquivos pessoais.

Na atividade proposta foram colocados vídeos das obras lidas para que os alunos pudessem assisti-los e, a partir da leitura dos livros e da exibição dos vídeos, fossem capazes de fazer um comparativo entre as três obras e, ao mesmo tempo, pudessem tecer comentários sobre as mesmas. A partir da execução dessa tarefa, pudemos perceber que houve grande interação dos alunos com a utilização das plataformas digitais. Nesse sentido, o papel do professor enquanto facilitador foi essencial para esse novo formato de ensino, pois possibilitou que a aprendizagem no contexto virtual fosse possível. Assim, a experiência permitiu aos alunos a aquisição de novas

competências, dentre outras, a seleção e organização das informações. Desse modo, segundo (Souza, 2007), é óbvio que a qualidade da aprendizagem promovida nos ambientes virtuais, em que a socialização, as interações e o contexto possibilitam o desenvolvimento significativo de referenciais particulares, numa configuração que provavelmente nunca foi alcançado pelos meios tradicionais.

Enfim, os resultados apontam para a possibilidade de que as ferramentas digitais são de grande valia para o processo de ensino e aprendizagem e permitem tornar as aulas mais dinâmicas e colaborativas. Nessa experiência e em outras que conseguimos desenvolver através das plataformas digitais, ficou evidente que os alunos conseguiram utilizar competências e habilidades da leitura e da escrita com grande desenvoltura. Dessa forma, os objetivos do projeto literário foram alcançados, sem prejuízos para o aprendizado dos alunos em virtude do isolamento social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19, e a implementação do ensino remoto emergencial geraram uma série de discussões, exigências e, por conseguinte, frustrações por parte de alunos e profissionais da educação, que tiveram suas vidas impactadas diante de mudanças drásticas das quais foram obrigados a se adaptar de uma hora para outra.

A impressão que insiste em perdurar é que essas mudanças já deveriam ter sido feitas em nossas escolas, afinal estamos em plena era digital, imersos na tecnologia. Porém, foi preciso acontecer um caos representado por um vírus letal para que, finalmente, saíssemos da comodidade do que já era convencional e enfrentar, mesmo que sob pressão, as mudanças necessárias para que vida continuasse com certa normalidade. Importa saber que, mesmo diante de tantos desafios conseguimos ressignificar nossa prática pedagógica em prol de uma causa social.

No que concerne aos objetivos propostos nesse trabalho, conseguimos alcançá-los, à medida em que vivenciamos o uso da tecnologia em nossas aulas com grande êxito. Assim, não só na educação, mas de maneira geral, a tecnologia cumpre o seu papel de aproximar as pessoas através do diálogo e da interação, numa cadeia infinita de comunicação. Desse modo, as ferramentas digitais, se usadas a serviço da educação, são importantes suportes pedagógicos capazes de potencializar a capacidade de escrita e leitura dos alunos de forma dinâmica e colaborativa. Esperamos que as reflexões aqui

travadas consigam contribuir de alguma forma para entendermos esse momento tão doloroso da nossa história.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLFO, S. P. Literatura e visão de mundo. In: Rezende, Lucinea A. **Leitura e visão de mundo peças de um quebra-cabeça**. Londrina. Editora Eduel, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>> Acesso em: 25 nov. 2022.

CHAMPAOSKI, E. B.; MENDES, A. A. P. Percepção de professores do Ensino Fundamental I acerca das tecnologias digitais no cotidiano escolar. **Revista Intersaberes**, volume 12, nº 26, mai/ ago 2017.

BUCKINGHAM, D. **Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: <https://bitly.com/o7wYR> Acesso em: 05 de dez. de 2022.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. 2. Ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 26. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. In: **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. (Org.) Carla Coscarelli, Ana Elisa Ribeiro. 2. Ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. Que futuros redesejamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, e02011, 2020

RIBEIRO, Andréa Lourdes. Jogos online no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. In: **Tecnologias para aprender**. Org. Carla Viana Coscarelli. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 11. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, Renato Rocha. Contribuições das teorias pedagógicas de aprendizagem na transição do presencial para o virtual. In: **Letramento digital: e aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Carla Coscarelli, Ana Elisa Ribeiro (organizadoras) – 2. Ed. –Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ZACHARIAS, V. R. de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: **Tecnologias para aprender**. Org. Carla Viana Coscarelli. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2001.